

A METAPSICOLOGIA FREUDIANA DA SUBLIMAÇÃO^{1 2}

Érico Bruno Viana Campos^{3 4}, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4716-4163>

Ana Maria Loffredo⁵, Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4615-2117>

RESUMO. Este ensaio teórico tem por objetivo apresentar a metapsicologia do conceito de sublimação na obra de Freud. O interesse se justifica pelo fato deste ser um dos conceitos mais amplos e menos elaborados na teoria freudiana, sendo que suas últimas formulações foram particularmente pouco exploradas nos desenvolvimentos posteriores na maioria das escolas de psicanálise. Nesse intuito, serão caracterizados os discursos freudianos sobre a sublimação, centrados nas transformações da meta e do objeto de satisfação. Defendem-se dois momentos: um no contexto do primeiro dualismo pulsional, em que a sublimação concerne a dessexualização, outro no segundo dualismo, em que a sublimação se articula à erotização da pulsão de morte, por meio de identificações narcísicas. Propõe-se que eles sejam entendidos como momentos distintos de um processo geral, nos termos de uma sublimação primária e secundária. Como conclusão são discutidas as implicações desse último discurso para a compreensão da relação entre desejo e cultura, bem como para a visão psicanalítica de homem.

Palavras-chave: Psicanálise e cultura; sublimação; Freud; Sigmund (1856-1939).

FREUD'S METAPSYCHOLOGY OF SUBLIMATION

ABSTRACT. This theoretical essay aimed to present the metapsychology of the concept of sublimation in Freud's work. The interest is justified by the fact that this is one of the broadest and least elaborated concepts in Freudian theory, and its last formulations were particularly little explored in later developments in most schools of psychoanalysis. In this sense, the Freudian discourses on sublimation, centered on the transformations of the goal and the object of satisfaction, will be characterized. Two moments are defended: one in the context of the first drive dualism, in which the sublimation concerns the desexualization, another in the second dualism, in which the sublimation articulates with the erotization of the death drive, through narcissistic identifications. It is proposed that they be perceived as distinct moments of a general process, in terms of a primary and secondary sublimation. In conclusion, we discussed

¹ Apoio e financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Processo 440475/2014-4)

² Este artigo consiste em uma versão condensada do relatório de pesquisa desenvolvido em estágio pós-doutoral do primeiro autor sob a supervisão da segunda. Agradecemos ao CNPq, pelo financiamento de pesquisa do primeiro autor (Processo 440475/2014-4) que viabilizou em parte a realização do estágio.

³ Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho' (UNESP), Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru-SP, Brasil.

⁴ E-mail: ebcampos@fc.unesp.br

⁵ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil.



the implications of this last discourse for understanding the relation between desire and culture, as well as for the psychoanalytic view of man.

Keywords: Psychoanalysis and culture; sublimation; Freud; Sigmund (1856-1939).

LA METAPSICOLOGÍA FREUDIANA DE LA SUBLIMACIÓN

RESUMEN. En este ensayo teórico se tiene por objetivo presentar la metapsicología del concepto de sublimación en la obra de Freud. El interés se justifica por el hecho de este ser uno de los conceptos más amplios y menos elaborados en la teoría freudiana, siendo que sus últimas formulaciones fueron particularmente poco exploradas en los desarrollos posteriores en la mayoría de las escuelas de psicoanálisis. En este sentido, se caracterizarán los discursos freudianos sobre la sublimación, centrados en las transformaciones de la meta y del objeto de satisfacción. Se defiende dos momentos: uno en el contexto del primer dualismo pulsional, en que la sublimación concierne a la desexualización, otro en el segundo dualismo, en que la sublimación se articula a la erotización de la pulsión de muerte, por medio de identificaciones narcisicas. Se propone que sean entendidos como momentos distintos de un proceso general, en términos de una sublimación primaria y secundaria. Como conclusión se discuten las implicaciones de este último discurso para la comprensión de la relación entre deseo y cultura, así como para la visión psicoanalítica de hombre.

Palabras clave: Psicoanálisis y cultura; sublimación; Freud; Sigmund (1856-1939).

Introdução

Sublimação é uma noção psicanalítica que geralmente é descrita como um destino pulsional marcado pela transformação da finalidade de satisfação sexual em outra, de natureza socialmente reconhecida. O termo decorre do processo físico de transformação do estado de uma substância sem passar por suas formas intermediárias, mas também tem ligação com a noção estética de sublime, descrevendo um movimento de transcendência. Essa noção é necessária para descrever uma passagem fundamental na concepção da sexualidade humana, que é a de sua dimensão individual para o âmbito mais coletivo da vida social. Desse modo, este conceito implica uma conotação ético-moral na caracterização da concepção freudiana de homem como marcada necessariamente pelo conflito entre natureza e cultura.

Apesar de seu caráter fundamental, o conceito de sublimação é algo que não se encontra sistematizado na psicanálise. Na teorização de seu fundador, permanece como uma noção geral que se desdobra em diversos âmbitos, desde os mecanismos metapsicológicos, até o plano mais geral dos fenômenos culturais, passando pela clínica. Isso se dá porque em sua articulação geral, a sublimação emerge como um destino pulsional privilegiado em contraposição às saídas sintomáticas que se produzem nas pessoas, contribuindo na produção e manutenção de uma realidade social compartilhada.

Nesse sentido, os destinos sublimatórios constituem um importante parâmetro na caracterização do processo de elaboração psíquica das moções pulsionais, daí sua pertinência à teorização da técnica e da psicopatologia em psicanálise. Em seu detalhamento, contudo, o conceito se articula em modos muito variados com outros. A princípio e em seu âmbito mais geral, ele é um destino das pulsões, mas em sua realização

encontra-se intimamente relacionado a processos defensivos e também a processos identificatórios, envolvendo diferentes modos de representação psíquica e qualidades pulsionais. A caracterização metapsicológica desse processo, no que concerne aos aspectos tópico, dinâmico e econômico, não foi plena e explicitamente desenvolvida por Freud.

Ela é, como bem aponta Laplanche (1989), uma cruz no pensamento freudiano: não apenas no sentido de um fardo difícil de carregar, mas também no de uma encruzilhada em que se encontram a teoria, a clínica e a cultura. Isso tudo justifica a impressão de que é mais correto falar de uma multiplicidade de aspectos configurando um mosaico de indicações e figuras envolvendo a noção geral de sublimação do que propriamente uma teoria sistemática e bem circunscrita (Loffredo, 2011, 2014, 2015). Não obstante, nessa pluralidade de modos e níveis, é possível distinguir dois modelos de concepção do conceito, que se enraízam em dois momentos históricos da teoria freudiana (Birman, 2000, 2008) ou pelo menos duas caracterizações de seus mecanismos metapsicológicos (Laplanche & Pontalis, 1998; Roudinesco & Plon, 1998). O que há de comum em ambas é a permanência de uma noção geral de 'dessexualização' por meio de transformações no âmbito da meta e objeto pulsionais, contudo os mecanismos, instâncias e as próprias qualidades em jogo são diferentes. Diante disso, o objetivo deste ensaio teórico é fazer uma descrição metapsicológica do conceito de sublimação na teoria freudiana.

Essa proposição se justifica na medida em que a psicanálise contemporânea se volta para uma nova perspectiva sobre seus operadores conceituais e um reposicionamento sobre sua concepção de sujeito, buscando uma perspectiva mais crítica e política na articulação entre psiquismo e sociedade (Rosa, 2004; Birman, 2010; Dunker, 2015). Esse reposicionamento, particularmente notável no contexto da psicanálise brasileira, muitas vezes envolve a retomada do conceito de sublimação, para pensá-la como operador fundamental na constituição de enlaçamentos sociais (Birman, 2000; Kehl, 2000) diante risco da desfusão pulsional e do masoquismo no contexto do imperativo do imaginário e do consumismo na atualidade (Silva Junior, 2003; Metzger & Silva Junior, 2010). Nesse sentido, conforme desenvolvido em outra ocasião (Campos, 2013b), o resgate da encruzilhada metapsicológica da sublimação parece-nos fundamental para pensar o sentido de uma psicanálise dos fenômenos sociais hoje.

Primeiro tempo: dessexualização

A menção ao termo sublimação aparece já nos escritos pré-psicanalíticos da obra de Freud, nos manuscritos endereçados a Fliess, em especial no Rascunho L (Masson, 1986), indicando a noção geral que será a tônica de todo o movimento que levará a constituição da primeira teoria da sublimação, a saber, a noção de uma renúncia pulsional em função do processo civilizatório. Nesse primeiro momento estão indicadas as relações da fantasia com a defesa e com certo refinamento em direção a objetivos mais elevados e sublimes. De forma muito incipiente, a fantasia aparece como uma forma de refinamento das lembranças para se defender da dimensão sexual das experiências traumáticas.

Essa concepção da sublimação mais próxima de uma dinâmica defensiva persiste ao longo dos dois primeiros períodos de periodização da obra freudiana, a saber, o pré-psicanalítico e o de constituição da psicanálise (Mezan, 2014), sendo relativizado apenas a partir dos ensaios sobre a sexualidade (Freud, 2016), em que a questão do destino da moção pulsional por meio da operação de dessexualização passa a ser enfatizada. Partindo da noção geral de uma sexualidade perverso-polimorfa originária que se desenvolve por

meio da constrição das imposições morais e sociais, o autor chega a uma caracterização de que as construções da civilização surgem às custas dos impulsos sexuais infantis. Nesse sentido, haveria o desvio da sexualidade para outras finalidades por meio do processo de sublimação. O problema, contudo, é que nesse nível de caracterização, o conceito continua muito próximo da noção geral de defesa, não se distinguindo efetivamente do recalque. Além disso, passa também a se superpor a outros conceitos psicanalíticos que foram sendo definidos até esse momento da obra, tais como inibição da meta e formação reativa.

Se na caracterização da teoria das pulsões Freud (2015) assinalava que a civilização se constrói a custa dos impulsos sexuais infantis, no texto sobre a moral sexual civilizada moderna é enfatizado que sublimação pulsional favoreceria à formação cultural e abordada de forma mais explícita a questão da maior valorização social das metas sublimadas. A articulação fundamental é a necessidade do recalque da pulsão para a formação e manutenção da cultura, relativizada por uma discussão sobre como a psicanálise pode contribuir para o desenvolvimento de uma cultura menos marcada pelo adoecimento psíquico por meio de uma moral menos repressora da sexualidade. Além disso, é importante destacar que nesse texto se tem o primeiro aparecimento de uma definição de sublimação. A questão principal, contudo, é essa contraposição entre os elementos disruptivos, sintomáticos e distônicos da renúncia pulsional que a cultura exige, em contraposição a possibilidades mais harmoniosas e construtivas de destinação das pulsões, caracterizando uma espécie de dupla face das articulações possíveis entre natureza e cultura. Desse modo, a dimensão ético-moral fundamental na articulação entre os destinos sublimatórios e sintomáticos para o conflito pulsional é circunscrita de forma mais explícita, marcando o início de uma perspectiva de reflexão e crítica sobre a sociedade moderna que levará às reflexões sobre o mal-estar na cultura do último período da obra freudiana. Há de se ressaltar que neste momento a tônica é uma perspectiva de harmonização possível entre os registros da natureza pulsional e as exigências sociais (Birman, 2000). De todo modo, a tensão entre a renúncia pulsional e as exigências civilizatórias por meio do recalque se circunscreve de forma paradigmática nesse texto caracterizando o desenho de uma posição de dupla face e função paradoxal do mecanismo de sublimação entre os ideais culturais e o sofrimento psíquico (Loffredo, 2014).

O percurso sobre a sublimação tem na análise da lembrança de infância de Leonardo da Vinci (Freud, 2013) um ponto importante de confluência. O texto é o exemplo mais ilustrativo de sua aplicação em uma análise interpretativa, permanecendo como a grande referência na obra freudiana sobre o tema da sublimação (Cruxên, 2004; Laplanche & Pontalis, 1998). Além disso, é a oportunidade de o autor abordar a complexidade do impasse entre sintoma e sublimação na elaboração do recalque. Nesse texto, ele constrói uma interpretação sobre a lembrança infantil de ter a boca fustigada pela cauda de um pássaro, desvelando fantasias homossexuais e de identificação com a figura materna e sua incidência sobre a criatividade e curiosidade de Leonardo. Nesse âmbito, destaca-se a consideração sobre os impulsos epistemofílicos e de domínio e sua relação com os impulsos sexuais, produzindo uma saída privilegiada para interesses científicos e artísticos, não obstante a presença de certos elementos sintomáticos, como a dificuldade de terminar as obras e atividades. É nessa derivação das fantasias sexuais para o âmbito das artes e ciências que se coloca propriamente a questão da sublimação. No que tange à caracterização metapsicológica do processo sublimatório, nota-se a ênfase na modificação da meta pulsional, da satisfação sexual para o interesse de conhecimento e estético, com ênfase para o primeiro. Também aparece de forma explícita a articulação dessa transformação com um juízo de valor e reconhecimento social. As modificações no âmbito

dos objetos são aventadas, mas em geral indicando que eles são meros substitutos deslocados de um objeto inconsciente que sucumbiu ao recalque, sendo que a ênfase está na originalidade da transformação da meta como alternativa a essas restrições objetais. De todo modo, pode-se afirmar que há nesse texto uma discriminação mais efetiva entre os destinos do recalque e o destino sublimatório e também entre o mecanismo do recalque e a dinâmica sublimatória, embora eles não possam ser completamente diferenciados. Isso porque o mecanismo de defesa do recalque é parte integrante do processo sublimatório, já que ele incide sobre a fantasia sexual, mas a diferença é que em vez do objeto ser relegado ao inconsciente e os investimentos retornarem por meio de deslocamentos e condensações ou serem inibidos, na sublimação o impulso é dessexualizado por meio da transformação da meta e com isso é conservado em seu investimento no objeto. Dessa forma, o destino sublimatório é diferente do destino do recalque, mas o mecanismo está presente e, portanto, integra a dinâmica do fenômeno. Só que a dinâmica se produz de uma forma curiosa, pois tem o caráter de uma conservação do objeto e do impulso, por meio da transformação do erótico em não erótico, que produz um efeito paradoxal de simultaneamente suplantar e conservar a barreira do recalque.

No texto sobre o narcisismo (Freud, 2004a), introduz-se a noção da constituição do ego por meio da retirada dos investimentos da pulsão sexual dos objetos. No âmbito do quadro geral da metapsicologia essa questão será responsável por uma reviravolta geral no quadro de referência de compreensão do aparelho psíquico, por apagar a distinção entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação e por transpor a lógica de sistemas representacionais em direção a instâncias estruturais. Em especial, indica-se mais claramente a noção de uma dinâmica de identificações com o objeto na constituição da unidade do ego e de seus elementos ideais. Aqui se coloca uma distinção metapsicológica importante, em que o ideal do ego passa a ser um parâmetro importante na regulação dos destinos das pulsões sexuais a partir do recalque. Isso quer dizer que o ideal do ego tende então a indicar um caminho de destino pulsional na direção de objetos valorizados socialmente e, portanto, para a via sublimatória. Todavia, o fato do ideal de ego reivindicar ao ego uma saída sublimatória não quer dizer necessariamente que o ego consiga produzi-la. Em outras palavras, embora a sublimação possa ser um processo que seja estimulado pelo ideal, a sua realização depende das condições do ego em manejar o recalque e nas trilhas favorecidas de investimento das moções pulsionais na relação entre inconsciente e pré-consciente.

O texto sobre as pulsões (Freud, 2004b) faz uma síntese da definição metapsicológica da primeira teoria pulsional, caracterizando os elementos básicos das pulsões – a fonte, a meta, o objeto e a pressão – e apresentando a diferença entre as pulsões de autoconservação e as sexuais, suas relações diferenciadas com os princípios do funcionamento mental e a relação de apoio das segundas nas primeiras ao longo do desenvolvimento psicosexual. Também apresenta os destinos pulsionais, que é o ponto mais original e inovador dessa caracterização e onde incide a questão para a temática da sublimação. Freud (2004b) distingue quatro destinos pulsionais. Por destino entende-se um encaminhamento da moção pulsional em sua busca de satisfação, modulando-se por meio de dinâmicas em que os investimentos são deslocados de uns objetos para outros com transformações das qualidades afetivas envolvidas. Nesse sentido, é fundamentalmente da ordem de uma caracterização dinâmica das vicissitudes por quais passam as pulsões no arco que vai de sua fonte para sua meta de satisfação, o que indica que é uma noção de caráter mais descritivo. Contudo, os destinos podem, de uma forma geral, serem considerados também formas de defesa, na medida em que representam desvios e

adiamentos em relação à meta de satisfação sexual, que é em última instância tomada pelo sistema pré-consciente como desprazerosa. Mas a noção de destino é mais ampla do que o conceito específico de mecanismo de defesa, na medida em que as operações defensivas modulam os destinos pulsionais, mas não representam a totalidade das vicissitudes por quais passam as pulsões.

Isso se faz notar na distinção que o autor opera, onde, a rigor, apenas um dos destinos é um mecanismo de defesa específico, no caso, o recalque. O recalque pode ser definido como um mecanismo que opera na separação entre os representantes ideativos e afetivos de uma fantasia libidinal, fazendo com que o representante ideativo seja retirado para o sistema inconsciente junto com a libido a ele vinculada. Contudo, o investimento libidinal uma vez no inconsciente busca retornar, por meio de dinâmicas associativas segundo os princípios da condensação e deslocamento, podendo irromper na forma de formações do inconsciente, em especial os sintomas e dentre eles, a angústia. Nesse sentido, o recalque opera restringindo o objeto de uma pulsão sexual e efetivando a busca de um objeto substitutivo parcial, ou seja, é um mecanismo de defesa que impõe a troca do objeto pulsional sexual original por outro, permitido. Nesse processo não há transformação da meta de satisfação, apenas sua restrição. Mas o mais importante é que o caráter ativo do impulso também não se transforma, tampouco a direção da relação sujeito e objeto. Do mesmo modo, também não há transformação da qualidade do representante afetivo, no sentido de uma transformação de amor em ódio ou vice-versa. Freud (2004b) descreve também outros dois destinos, entendidos como mais primitivos e, portanto, caracterizando dinâmicas de momentos anteriores ao recalque no desenvolvimento psicosssexual: a reversão no contrário e o retorno sobre si. Nesse ponto entra o quarto destino, que é propriamente a sublimação. Esta, embora não seja tratada em detalhe no texto em questão, aparece mais articulada às dinâmicas do recalque. Isso porque a sublimação, seguindo o percurso de teorização que tem sido mostrado, é um processo que envolve a possibilidade de manutenção dos objetos da pulsão sexual recalcada por meio de uma transformação em suas metas. Desse modo, cabe apontar que os quatros destinos descritos por Freud se articulam em pares (Loffredo, 2014; Green, 2010), com o recalque e a sublimação emergindo como os pares privilegiados para a compreensão da dinâmica do aparelho psíquico, no âmbito do registro edípico, enquanto os outros dois destinos sucumbem pela falha de articulação ao registro narcísico (Campos, 2014). De qualquer forma, o texto é um ponto de chegada importante na teorização, já que taxativamente distingue entre sublimação e recalque como destinos distintos, embora articulados. Mas o mais inovador é que ele amplia a discussão, anunciando, pela primeira vez de forma clara a questão do objeto da pulsão sublimada (Loffredo, 2014; Castiel, 2007). Isso se pela distinção entre a flexibilidade em relação ao objeto das pulsões sexuais em relação às de autoconservação, já que os objetos destas são mais fixos enquanto nas sexuais são mais facilmente deslocáveis e sujeitos à transformação.

Com esses elementos finais se fecha propriamente o percurso de construção do primeiro modelo da sublimação. Ele explicita uma linha mestra anunciada desde o início, em que a sublimação aparece como saída amparada nos valores ético-morais da vida social em contraste com a saída de sofrimento psíquico causado pela necessidade de restrição da sexualidade. De uma forma de defesa contra a sexualidade até um destino transformado da sexualidade que envolve tanto a substituição da meta quanto do objeto, foram sendo caracterizados os elementos metapsicológicos que definem o conceito. Nessa primeira teoria a ênfase recai sobremaneira na questão da dessexualização por meio da transformação da meta, em que a discriminação efetiva entre sua dinâmica e a do recalque

é o foco principal. A questão da transformação do objeto se anuncia ao final, fechando os elementos clássicos de sua caracterização. Na perspectiva do que foi desenvolvido dentro do quadro de referência da primeira tópica e da primeira teoria pulsional, pode-se afirmar que a sublimação é esse destino da sexualidade valorizado socialmente que se contrapõe a saídas sintomáticas por meio de transformações na meta e substituições de objeto. Ela é o efeito e o ponto de chegada de uma dinâmica do aparelho psíquico que se estrutura a partir da lógica e da dinâmica do recalque, como destino mais evoluído e também implicitamente como certo ideal de funcionamento psíquico.

Segundo tempo: erotização

Segundo Mezan (2014), o período de revisionismo da obra freudiana tem como marco a introdução da segunda teoria das pulsões, no texto sobre o além do princípio de prazer (Freud, 2004c). Embora nesse texto não haja propriamente uma elaboração do conceito de sublimação, sendo mais citada do que trabalhada, a afirmação do novo dualismo traz uma ampliação significativa do conceito de sexualidade, formulando um quadro de referência geral no qual a problemática da sublimação passará a se desenvolver. Nesse sentido, pode-se afirmar que o marco da virada dos anos 20 também constitui o início de uma mudança fundamental na teoria sobre a sublimação. A principal ampliação na concepção de sexualidade se dá porque na afirmação das pulsões de vida os aspectos da autoconservação e da sexualidade se integram no âmbito dessa categoria geral, fazendo com que a sexualidade passe a agir no sentido da vida, da integração e da ligação, em oposição às pulsões de morte, que agora ocupam o lugar do fator disruptivo e desintegrativo (Castiel, 2007). A caracterização da pulsão de morte como a dimensão mais originária da economia pulsional, regida pelo princípio de nirvana como tendência à descarga completa da excitação e pela compulsão à repetição como exercício de uma pressão traumática sobre o aparelho psíquico demandando ligação, instaura um giro fundamental na compreensão da condição humana, na medida em que se retira o foco sobre a dimensão da renúncia implicada no recalque e no complexo de Édipo, colocando em pauta uma dimensão mais originária de desamparo frente à pulsão.

A partir disso, Birman (2000) afirma que é a partir da tese da pulsão de morte que se anuncia em Freud uma condição de desamparo estrutural do sujeito, no sentido de que essa posição originária nunca é ultrapassada, bem como a satisfação da sexualidade no registro do desejo também nunca é plenamente satisfeita e garantida. Essa seria a proposição de um segundo discurso freudiano sobre o social, próprio do momento do revisionismo freudiano, em que a tônica estaria sobre a impossibilidade da harmonização completa entre os registros do desejo individual e as demandas, restrições e ideais das formações culturais, em oposição a um primeiro discurso sobre o social, em que essa integração seria possível em função da elaboração dos sintomas e do sofrimento por meio do tratamento psicanalítico e também da reforma social orientada por uma transformação na moral sexual da cultura ocidental moderna (Birman, 2000). Nesse sentido, a trilha inaugurada no âmbito da metapsicologia redundará em uma ampla reflexão sobre a cultura (Freud, 2010a) em que o sofrimento individual é em última instância referido a uma dinâmica inerente ao progresso civilizatório no qual a economia da pulsão de morte tem um papel principal.

Desse modo, pode-se afirmar que essa reorientação geral da sexualidade marcará toda a discussão desse último período da obra freudiana, abordando de uma nova forma a questão ética fundamental da relação entre indivíduo e sociedade no âmbito do desejo, em

que a problemática da sublimação ganhará novos adensamentos e orientações, saindo de um tom propriamente de superação para vir a encenar teoricamente a “[...] tragicidade subjacente ao humano” (Loffredo, 2014, p. 125). Nessa nova tônica ganha destaque também o fato de que a sublimação virá a ser convocada muito mais no sentido de uma “[...] aliança com a erotização, do que como um processo que vai na contramão da sexualidade” (Loffredo, 2014, p. 126).

Um primeiro ponto de destaque nesse percurso é o texto sobre a psicologia das massas (Freud, 2011), onde a formação dos laços grupais é referida ao processo de identificação, redundando em uma elaboração significativa em direção à proposição das instâncias do ego e do ideal de ego no modelo estrutural do aparelho psíquico. Nesse texto em particular, é descrita a formação dos grupos organizados por meio de um duplo laço libidinal, dos membros entre si e deste com o líder, sustentado em um mecanismo de identificação com o líder e de instauração deste objeto à condição de parâmetro ideal para o ego dos membros. O operador essencial nessa transformação seria um processo sublimatório, que operaria um desvio da meta original por meio de uma dessexualização que conservaria algo de sua identidade original, por meio de mecanismos identificatórios. O que há de novo nesse momento é a indicação de que o desvio da meta consistiria em um início do processo sublimatório, que seria articulada à instauração do componente ideal do ego. Neste novo giro da teoria, a noção de um mecanismo que operaria ‘desde o início’ (Loffredo, 2011) retorna, indicando transformações na meta como um primeiro passo em direção ao destino sublimatório, articuladas aos processos identificatórios.

O encaminhamento dessa questão depende da plena caracterização do modelo estrutural do aparelho psíquico (Freud, 2004d), em que aparecem mais explicitamente afirmações e elaborações sobre o conceito de sublimação que, no entanto, possuem caráter muito diversificado, permitindo reconhecer dois polos distintos de caracterização da problemática da sublimação a partir daí, configurando uma ‘dupla face’ da sublimação (Loffredo, 2014). No texto é efetivamente retomada a caracterização da sublimação, agora no âmbito dos atributos das instâncias do aparelho psíquico e das relações que se estabelecem entre elas. O ponto mais original da contribuição desse texto está na plena enunciação da derivação da compreensão sobre as identificações narcísicas na constituição do ego para a teoria da sublimação. É aí que propriamente a noção de dessexualização na sublimação recebe uma transformação fundamental: de uma transformação de investimento objetal sexual em não sexual para o de reversão do investimento objetal em narcísico, com ligação da pulsão de morte em libido. Isso implica uma série de modificações. Antes se tinha como cerne a noção de que a pulsão sexual alçaria uma transformação na meta em direção a objetos não sexuais, por meio de um mecanismo de apoio e conjunção com as pulsões de autoconservação. Agora, no âmbito do novo dualismo pulsional, essa confluência se opera em um nível mais originário, o de ligação da pulsão de morte com a pulsão de vida no abrandamento do trauma pulsional em sua entrada no aparelho psíquico, o que quer dizer que a sublimação agora passa a operar erotização e libidinização, não se contrapondo mais a ela, como era no início. Além disso, nessa passagem originária, estaria em jogo um processo de identificação narcísica, mecanismo pelo qual haveria a reversão do investimento do objeto para o ego. Portanto, a ênfase não recairia tanto na sua relação com o recalque, mas em um mecanismo que aparentemente lhe seria prévio.

Parece-nos que aqui se anuncia a articulação de um mecanismo de sublimação mais originário, ligado ao regime da erotização e do narcisismo, com um mecanismo secundário ou posterior de sublimação, em que haveria a substituição da meta erótica por uma meta

mais neutra e do âmbito dos objetos da cultura, em que a dimensão edípica e do recalque seriam os articuladores principais. Porém, a questão se complica porque nesse momento da obra freudiana não há uma discriminação clara entre a formação do ideal de ego e a formação do superego e, portanto, entre os momentos de identificação narcísica e edípica. Mais adiante no seu texto, o autor deixa mais claro que o superego nasce também de um processo de dessexualização e sublimação, via identificação, mas agora por meio do componente sádico do superego em relação ao ego, na forma do sentimento inconsciente de culpa. Desse modo, já aqui aparece a indicação de uma dupla articulação da sublimação com os processos de identificação e de formação das instâncias do aparelho psíquico, no qual a passagem pelo ego como objeto por meio da identificação é a via necessária de processamento da transformação da meta dos investimentos pulsionais.

Assim se esboçam as linhas gerais de organização da trama conceitual da segunda teoria da sublimação, que permanecem operando até o final da obra freudiana. Na sequência dos trabalhos, a contribuição do texto sobre o problema econômico do masoquismo (Freud, 2004e) vem ser a descrição metapsicológica mais pormenorizada da dinâmica da pulsão de morte na produção dos efeitos de masoquismo, com a caracterização explícita do princípio de nirvana, como já destacado, mas também com a importante definição dos diferentes tipos de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral. No que interessa à presente discussão, tem-se que o primeiro nível é o que está originalmente articulado aos mecanismos de ligação da pulsão de morte em libido. A novidade é que agora se explicita a operação de deflexão da pulsão de morte para o exterior por meio da constituição de impulsos de domínio e destruição. Mas a dinâmica de fusões e desfusões marca todos os níveis do masoquismo, até sua expressão final, no masoquismo moral, que é aquele que se articula propriamente à produção do sentimento de culpa por meio da instauração do componente ideal do superego. Seria nesse contexto geral que operariam as sublimações, operando derivações dos componentes eróticos e tanáticos ao longo do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Muito da caracterização geral que é feita nesse momento reaparece no texto sobre o mal-estar na cultura (Freud, 2010a). Nele são abordadas tanto a questão da deflexão da pulsão de morte na superação do masoquismo primário quanto da desfusão libidinal gerando sentimento inconsciente de culpa, como expressão da pulsão de morte, e angústia, como expressão da pulsão de vida. No que interessa à discussão sobre a sublimação, ela aparece inicialmente e majoritariamente na caracterização das diferentes formas e resoluções frente ao conflito básico entre desejo e exigências sociais. Freud (2010a) descreve algumas saídas para o conflito, por meio do isolamento ou transformação da sociedade, de configurações psicopatológicas e sintomáticas, da supressão das pulsões e, por fim, dos derivados sociais nas instituições artísticas, científicas e morais. Nesse contexto, a sublimação aparece vinculada a este último destino, em especial na caracterização do prazer estético, mas também no âmbito do amor e do conhecimento. De qualquer forma, é na confluência de um destino às pulsões com a tarefa da civilização que se dá a tônica da caracterização nesse ensaio. Embora os caminhos sublimatórios apareçam de forma bastante diversificada, a ênfase é em uma articulação entre sublimação e erotização que tem como elemento central a ideia de desvio da meta diretamente sexual.

Contudo, essa impressão geral no sentido da harmonização não é a tônica do ensaio e o interessante é que a problemática da sublimação não é retomada significativamente para abordar as questões que se circunscrevem a tese principal do texto, que é justamente o destino do mal-estar. A questão central na segunda teoria da sublimação são os caminhos de dessexualização na constituição das instâncias psíquicas, gerando efeitos de fusão e

desfusão libidinal os mais variados, desde o nível mais originário do masoquismo primário até os efeitos do sadismo superegótico (Metzger & Silva Junior, 2010). No entanto, isso é pouco desenvolvido pelo autor nesse momento. No que diz respeito aos destinos da destrutividade, Freud (2010a) afirma que ela é a saída privilegiada de expressão da pulsão de morte, mas que essa deflexão para o âmbito social é um complicador das relações sociais e onde acabam incidindo os imperativos morais, de forma que as exigências sociais acabam fazendo com que, por meio do superego, a destrutividade retorne sobre o ego. Daí a ideia de que o destino da pulsão de morte reflete sobre o sujeito na forma de mal-estar em função do pacto civilizatório e, principalmente, que essa destrutividade internalizada tenha dificuldades de encontrar saídas sublimatórias no sentido de objetos substitutivos valorizados socialmente. Esse encaminhamento da argumentação freudiana leva então a indicação de que a pulsão de morte não poderia em última instância ser sublimada, dado que desde a origem ela se opõe ao esforço de *Eros* e da civilização e que, portanto, teria sempre uma porção última refratária a qualquer possibilidade de sublimação. Esse último ponto é a outra contribuição mais explícita deste ensaio freudiano e talvez o ponto mais polêmico da discussão sobre a sublimação, já que costuma ser citado como o limite para a elaboração coletiva dos impulsos destrutivos (Loffredo, 2014; Campos, 2013b; Green, 2010). De qualquer modo, acaba por confirmar a linha geral de que o mecanismo sublimatório se alinhe a uma concepção geral de adequação a valores morais socialmente instituídos.

Nesse sentido, a linha geral de exposição desse texto no que tange à sublimação parecer surgir muito mais atrelada aos destinos objetivos socialmente valorizados, como uma saída privilegiada na harmonização do desejo individual com as demandas sociais e morais. As afirmações da sublimação atrelada às saídas no sentido dos ideais culturais e da impossibilidade de sublimação da pulsão de morte acabam contribuindo para repor as linhas gerais da primeira teoria da sublimação. Também chama a atenção que a própria discussão sobre a sublimação aparece de forma marginal e secundária no texto, em oposição ao esperado, já que desde o início na teorização freudiana a sublimação aparece intimamente referida ao dilema ético-moral do conflito entre indivíduo e sociedade.

Diante disso, é possível afirmar que há um significativo retrocesso nos pontos originais da segunda teoria da sublimação, em que a dimensão das identificações narcísicas na produção do circuito libidinal e do ego se perdem. De fato, na sequência dos textos freudianos, a caracterização da sublimação acabará por seguir as linhas gerais da primeira teoria, sempre enfatizando a caracterização descritiva em termos de meta e objeto, realçando sua dimensão de desvio e de transformação em oposição à inibição do desejo (Freud, 2010b). Nesses textos finais, até por seu caráter sintético, como o das novas conferências introdutórias e do esboço de psicanálise, a ênfase acaba sendo mais descritiva do que propriamente metapsicológica, ou seja, se acentua muito mais a caracterização da sublimação como efeito ou fim de um processo do que a descrição dos pormenores de seu processamento. Além disso, aparece também uma ênfase na noção de uma disposição constitucional para o estabelecimento de saídas sublimatórias, o que acaba por dificultar o esclarecimento dos meandros do processo metapsicológico, uma vez que acaba sendo referido em bloco a uma noção genérica de constituição com o risco de se afirmar um caráter inato das disposições pulsionais como determinante dos seus destinos individuais e sociais. É assim que a questão da sublimação reaparece no esboço final da psicanálise (Freud, 2018b), de forma que a definição sumária de sublimação acaba se impondo ao final da obra freudiana como uma modificação da meta e do objeto em referência aos valores sociais e também perdendo a riqueza de ampliação conceitual do

segundo momento da teoria da sublimação, com a ênfase nos processos identificatórios e em uma dessexualização que incide mais no nível da fusão e desfusão pulsional no âmbito do ego do que no encontro de destinos libidinais objetivos na cultura.

Articulando os dois tempos: sublimação primária e secundária

Ao fim desse percurso histórico-cronológico pode-se confirmar a “[...] posição nodal ocupada pela sublimação na arquitetura metapsicológica” (Loffredo, 2014, p. 195), uma concepção que trata do gerenciamento dos investimentos pulsionais por múltiplas vias, envolvendo tanto o âmbito individual quanto o coletivo, por meio de transformações em suas metas e objetos. Trata-se de uma concepção que não recebeu acabamento teórico por parte de Freud e permanece em um entrecruzamento paradoxal na tematização do conflito fundamental entre desejo e cultura, tendo uma dupla face em sua caracterização geral, que remete, em sua noção de sublime, ao campo da moral e da estética. Sua rede conceitual na metapsicologia é bastante diversificada e ampla, na proximidade e articulação com uma série de conceitos e noções, constituindo um leque multifacetado que inspira a metáfora proposta por Loffredo (2011, 2014) de ‘figuras da sublimação’ do que propriamente uma teoria sistemática.

Nesse sentido, a noção geral de dessexualização marca então a tônica de um processo que trata das transformações no âmbito da erotização, mas nesse caminho a sublimação traz uma série de articulações. No nível dinâmico ela se desdobra: no âmbito dos investimentos na trama de representações do aparelho psíquico por meio das noções de desvio e inibição da meta e de modificação de objeto; no âmbito dos mecanismos de defesa e seus desdobramentos, com o recalque e os sintomas, além da formação reativa e idealização; no âmbito das identificações, com as identificações narcísica e edípica. No nível tópico ela se articula inicialmente a uma modalidade especial de passagem do inconsciente para o consciente, mas posteriormente passa a envolver todos os níveis de aparelho psíquico: da passagem do id ao ego, na constituição do ego e também das instâncias ideais do ego, além de passagens do superego ao ego. No nível econômico, ela envolve inicialmente o apoio da sexualidade nas pulsões de autoconservação, mas depois a fusão e desfusão pulsional em vários âmbitos. De todo modo, é possível identificar nessa problemática ‘três eixos principais’ de encaminhamento: a passagem do sexual ao não sexual, as implicações com o narcisismo e as proximidades com o recalque (Loffredo, 2011, 2014).

Uma visão de conjunto permite afirmar que a concepção freudiana de sublimação é bem mais ampla e complexa do que normalmente se supõe em suas apresentações mais superficiais. Em primeiro lugar, porque ela não se resume a um mero julgamento descritivo do valor de um destino pulsional sobre um objeto, ou seja, a sublimação não é apenas uma descrição que se pode dar a uma saída bem-sucedida para o conflito psíquico, em termos de sua valorização e reconhecimento cultural. Ela não é o efeito final de um processo, mas um processo dinâmico legítimo e específico. Daí, inclusive, a justificativa pela necessidade de se resgatar sua caracterização metapsicológica, como proposto neste artigo. Em segundo lugar, porque do ponto de vista dinâmico, ela não é nem um mecanismo de defesa específico nem um desdobramento ou efeito do recalque. Ela se articula intimamente a este, mas não se confunde com ele, pois é um caminho com características próprias. Também não é um mero efeito de deslocamentos e transposições de investimentos em representações e objeto, pois envolve fundamentalmente uma transformação qualitativa na moção pulsional, que é justamente a ideia de transformação de meta e de dessexualização.

Mas esta não se refere apenas a passagem de um desejo sexual para um mais sublime, na verdade consiste em um processo mais amplo e com muitas ramificações. Nesse sentido, a principal contribuição do segundo momento da sublimação é ressignificar a própria concepção de dessexualização, retirando o foco do valor moral para a gênese das instâncias do aparelho psíquico, via processos de identificação.

Outro ponto é que a mudança geral de ênfase em direção à erogeneização acaba por transformar o quadro geral de referência da sublimação em suas implicações ontológicas e ético-morais. Como foi apontado no início, a problemática da sublimação incide sobre o dilema fundamental da condição trágica do homem como um ser cultural. A princípio, a sublimação indicaria essa condição particular de transposição da barreira do limite ao desejo harmonizando os registros individuais e sociais. Mas ao ampliar o escopo de *Eros*, incluindo esses dois registros e reposicionando o problema em um nível mais arcaico, o do desamparo frente à pulsão de morte, a problemática da sublimação acaba colocando-se no âmbito da origem dos circuitos libidinais. Isso não só coloca a questão no mérito da gênese das instâncias psíquicas e da criatividade nos investimentos libidinais, como também recoloca uma posição ética fundamental pois é por meio do agenciamento alteritário do objeto humano que os laços libidinais podem se produzir tanto no registro do indivíduo quanto no social.

Essa é a posição defendida por Birman (2000, 2008, 2010), que enfatiza, como ressaltado na introdução acima, especialmente o resgate dos desdobramentos políticos dessa concepção, mas que reflete em alguns encaminhamentos. Um primeiro caminho é pensar a sublimação como forma de gestão do desamparo no âmbito social, por meio do fomento à função fraterna (Kehl, 2000; Campos, 2013b). Essa proposição vem no sentido de operar uma alternativa à crise da imago paterna e no eixo vertical da função paterna no agenciamento identificatório dos grupos, que se opera em uma implosão e explosão de violência por meio das desfusões pulsionais operadas no contexto de uma sublimação regressiva ao masoquismo (Metzger & Silva Junior, 2010). Um segundo caminho é a proposição de Castiel (2007), cuja tese principal é que o desenvolvimento da teoria da sublimação em seu último momento, aquele em que se enfatiza a mudança do objeto, inauguraria uma perspectiva propriamente alteritária e criativa para a teoria da sublimação, com reflexo direto para uma clínica em que a sublimação poderia operar como processo criativo de destinos pulsionais em âmbito individual e coletivo, em vez de produção de mera adaptação. Nesse sentido, retoma-se por outra via a questão da sublimação como baliza fundamental da clínica psicanalítica.

Contudo, essa mudança axiológica geral na teoria da sublimação também tem implicações metapsicológicas fundamentais. Uma delas, que foi apontada por Laplanche (1989), envolve também a ênfase na dimensão originária de produção de ligação libidinal, o que o autor denomina de neogênese da pulsão. Entendemos que embora essa seja a grande originalidade na transposição para o segundo modelo da sublimação, sua compreensão e articulação metapsicológica na verdade é bem mais ampla do que a dimensão originária do circuito pulsional que o comentador enfatiza (Campos, 2013a). Nesse sentido, defendemos que na verdade esses dois modelos venham se articular em uma formulação teórica mais abrangente. O que pode se notar por meio desse percurso é um amplo leque de operações sublimatórias, que se relacionam na produção de efeitos afetivos diversos, desde o polo mais propriamente erótico passando para o sádico e destrutivo. Isso se dá porque as sublimações operam fundamentalmente operações sobre a qualidade pulsional fundamental, fundindo pulsão de morte e pulsão de vida em libido, mas também desfundindo-as. Nesse sentido, a sublimação é o que permite a

ultrapassagem do masoquismo primário, por meio da ligação em libido e deflexão da pulsão de morte para o exterior, mas também o que produz masoquismo secundário, por meio do sentimento inconsciente de culpa. É um processo que se articula à produção das estruturas do aparelho psíquico, no ego, via identificações narcísicas, e no superego, via identificações edípicas. No primeiro caso privilegiadamente pela sublimação das pulsões de vida e no segundo envolvendo também a sublimação das pulsões de morte.

Um encaminhamento de uma visão de conjunto dessas figuras da sublimação que respeite sua complexidade foi inicialmente proposto por Loffredo (2011, 2014). Considerando o que foi exposto até aqui podemos endossar a proposta de se pensar na articulação de dois tempos da sublimação na dinâmica e constituição do aparelho psíquico. Em primeiro lugar, haveria uma 'sublimação primária', articulada às identificações narcísicas primárias e à exigência de ligação e libidinização da pulsão de morte por meio da relação com a alteridade. Nesse nível se daria a erogeneização originária de vinculação em libido e também de constituição do ego e do ideal de ego na dinâmica do narcisismo. Envolveria a transformação de pulsão de morte em libido e também de libido do objeto em libido do ego. Um segundo momento seria o da 'sublimação secundária', que se daria propriamente no âmbito das relações triangulares, estabelecendo-se a partir da resolução do complexo de Édipo. Ela estaria articulada tanto à lógica do recalque quanto aos caminhos identificatórios dos ideais paternos instalados no superego. Nesse segundo nível estariam presentes diferentes formas de dessexualização e ressexualização da libido na relação com os objetos, tanto no sentido de obtenção de novas saídas objetais para a libido quanto também na produção de angústia, sentimento de culpa e mal-estar.

Considerações finais

Podemos concluir que a sublimação é verdadeiramente da ordem de um destino pulsional e, sobretudo, um processo de transformação das qualidades pulsionais que está articulado a todos os níveis do desenvolvimento psicosssexual e de estruturação do aparelho psíquico, com múltiplas e variadas destinações. Nossa contribuição particular a essa problemática vem no sentido de tentar articular e sustentar a proposição de um modelo teórico mais amplo que articule dois tempos distintos dos processos de sublimação: uma sublimação primária, que ocorre na direção do ego e no registro do narcisismo, e uma sublimação secundária, que ocorre na direção dos objetos culturais, sob a lógica do recalque e no registro edípico. É importante frisar, contudo, que essas dimensões envolvem tanto operações de erogeneização e ligação quanto de desligamento e produção de mal-estar e sofrimento. Isso quer dizer que a sublimação age tanto na direção da ligação do mais pulsional da pulsão em libido até o mais sublime dos objetos culturais, quanto também no sentido contrário, no sentido do desinvestimento do objeto e da desfusão pulsional em direção ao masoquismo egóico e ao traumatismo da pura pulsão de morte.

Em termos de uma caracterização metapsicológica geral da sublimação, podemos concluir que se trata de um destino pulsional cuja essência é a transformação de suas qualidades, em uma alteração de sua 'meta' de satisfação por meio de variações em seus 'objetos'. No nível tópico, refere-se às dinâmicas do ego na sua relação de compromisso com as demandas id, o superego e a realidade. No nível dinâmico, caracteriza-se por referência à processos defensivos e identificatórios, que se desdobram em diferentes momentos do desenvolvimento, tanto no âmbito do registro narcísico quanto no edípico,

mas sempre marcados pelas relações entre o ego e os objetos da realidade por meio das referências das instâncias ideais. No nível econômico, dá-se por meio de uma noção geral de 'dessexualização', que se desdobra em vários níveis do conflito entre as pulsões de vida e de morte, nas operações de fusão e des fusão libidinal.

Por fim, essa concepção metapsicológica tem implicações gerais sobre a concepção freudiana de homem, apontando para o registro do desamparo e da alteridade como fundantes dos laços libidinais individuais e sociais, reposicionando a dimensão valorativa em jogo na problemática da sublimação e deslocando-a de uma dimensão meramente moralizante ou adaptativa para uma dimensão ética de abertura à diferença e de criatividade. O sublime é propriamente paradoxal na condição humana é que a vinculação ao objeto socialmente valorizado passa necessariamente pela criação de si, mostrando que realidade psíquica e objetiva não se opõem, mas são mutuamente constituídas em resposta a um impessoal pulsar que as atravessa.

Referências

- Birman, J. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, 20(1):11-26.
- Birman, J. (2010). Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. *Psicologia USP*, 21(3): 531-536.
- Birman, J. (2000). *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Campos, E. B. V. (2013a). A concepção de sublimação no trabalho de Jean Laplanche. *Psicologia em Estudo*, 18(3): 465-474.
- Campos, E. B. V. (2014). *Limites da representação na metapsicologia freudiana*. São Paulo, SP: Edusp.
- Campos, E. B. V. (2013b). Sublimação e violência: destinos da pulsão no social. In C. C. E. Mouammar & E. B. V. Campos (Orgs.), *Psicanálise e questões da contemporaneidade: volume I* (p. 133-148). Curitiba, PR: CRV.
- Castiel, S. V. (2007). *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo, SP: Escuta.
- Cruxên, O. (2004). *A sublimação*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Freud, S. (2004c). Além do princípio de prazer. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. II, p. 123-198, originalmente publicado em 1920). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2018b). Compêndio de psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XIX, p. 189-273, originalmente publicado em 1940). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

- Freud, S. (2010). Conferência XXXII: angústia e instintos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, p. 224-262, originalmente publicado em 1933). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2004d). O ego e o id. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. III, p. 13-92, originalmente publicado em 1923). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2004a). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. I, p. 95-132, originalmente publicado em 1914). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XVIII, p. 13-123, originalmente publicado em 1930). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2015). A moral sexual cultural e o nervosismo moderno. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. VIII, p. 359-389, originalmente publicado em 1908). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2004e). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. III, p. 103-124, originalmente publicado em 1924). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XV, p. 13-113, originalmente publicado em 1921). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2004b). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. I, p. 133-174, originalmente publicado em 1915). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2013). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. IX, p. 113-219, originalmente publicado em 1910). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. VI, p. 13-172, originalmente publicado em 1905). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Kehl, M. R. (Org.). (2000). *Função fraterna*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.
- Laplanche, J. (1989). *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1998). *Vocabulário da psicanálise* (4a. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Loffredo, A. M. (2011). Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(1): 51-62.
- Loffredo, A. M. (2014). *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. São Paulo, SP: Escuta.

- Loffredo, A. M. (2015). Sublimação e fenômenos culturais. In J. C. Bocchi & E. O. Castro (Orgs.) *Psicanálise e sociedade hoje* (p. 51-66). Curitiba, PR: CRV.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos sobre história da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Metzger, C., & Silva Junior, N. (2010). *Psicologia USP*, 21(3): 567-583.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2): 329-348.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Silva Junior, N. (2003). A sublimação na contemporaneidade: o imperialismo da imagem e os novos destinos pulsionais. *Revista Psychê*, 7(11): 29-38.

Recebido em 22/11/2017

Aceito em 06/12/2018

Érico Bruno Viana Campos: Psicólogo, mestre e doutor em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Psicólogo de orientação psicanalítica. Atua nas áreas de Psicologia Clínica e da Saúde, Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Psicologia e da Psicanálise, Metodologia de Pesquisa, Sistemas e Teorias em Psicologia: Psicanálise e Psicologia Fenomenológico-Existencial. Psicopatologia e Psicanálise Aplicada.

Ana Maria Loffredo: graduada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1971), Mestre em Psicologia no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975), especialização em Gestalt terapia no Instituto Sedes Sapientiae (1982), Doutorado em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1992), especialização em 'Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise', no Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp (1994), Livre-docência em Metapsicologia Freudiana no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2012).